

1

O REI-NÃO

Lisboa, Abril de 1516

Já tinha dado meia volta ao mundo. Por sua vontade, outra meia daria ele, que para tal feito lhe chegavam os vigores do corpo e o ardor da alma aventureira. A sua espada estava ao serviço de Deus e do reino de Portugal, mas também estava ao seu serviço, da sua bolsa e porvir. Contudo, era um cavaleiro fidalgo que recebia 1250 réis mensais, coisa pouca. Fernão de Magalhães entendia por bem ser agraciado condignamente pelos seus serviços, que méritos tinha por si, e provas dadas. Queria um aumento de 100 réis^[1] mensais na sua moradia¹, o que tinha por justo e moderado, mas o monarca fazia ouvidos de mercador a tal rogo.

«Não», retorquia D. Manuel I. Uma simples palavra, seca, infecunda, qual adaga a matar vontades. O navegador olhava para o rei de Portugal, para o seu ar atarracado, anafado de carnes e grossas farpelas, e pensava para consigo: *É um fraco*. Não tinha em grande conta um homem que era senhor de um vasto império, que ia do Brasil às Índias, mas só calcava os tapetes dos palácios; não conhecia sequer o cheiro húmido do mar, onde se alçara a suor e lágrimas a glória do reino.

¹ Como se fossem funcionários do rei, recebiam uma determinada «moradia» em dinheiro para sustento da casa e cevada para o cavalo.

«Não», repetia ele com arrogância, com os olhos esverdeados, vivos, a reluzir num rosto de sobrancelhas bastas. *Um rude bicho*, insultava-o Magalhães em pensamento. *Um bicho pejado de ouro, mas cego para quem o serviu com suor e sangue*. El-rei recusava reconhecer-lhe os muitos préstimos, e aumentar-lhe a tença para um valor tido por digno. Ele não era um qualquer homem de armas. Era de nobre sangue. Nascera no Porto, em 1480. Na sua juventude fora pajem da rainha D. Leonor, até passar a ser fidalgo da casa real.

Partira para o Oriente em Março de 1505, integrado na armada de D. Francisco de Almeida, na companhia de seu irmão Diogo de Sousa; teria então cerca de vinte e cinco anos.

Por ali servira oito anos, de porto em porto, de conquista em conquista, na África Oriental e nas Índias. Tantas peijas como cicatrizes, umas na carne, outras na alma, que os campos de sangue são infernos, mesmo para os vitoriosos. E nem sempre os lugares do Demo se mostravam em chamas, que quase perdera a alma num naufrágio ao largo das Maldivas. Em 1509 embarcara na primeira armada portuguesa para Malaca^[ii], a grande cidade que controlava o comércio das especiarias mais longínquas. Em 1511, ele voltou a essa cidade para avassalar aquelas terras sob a ordem do grande Afonso de Albuquerque, tendo seguido depois com António de Abreu na descoberta da rota até às ilhas de Maluco², nos confins do mundo por explorar. Tinha então dado meia volta ao mundo, uma façanha só ao alcance de poucos e arrojados aventureiros e guerreiros.

Regressado a Lisboa^[iii], levara ainda a sua espada até ao Norte de África, para pelejar os mouros em Azamor^[iv], onde quase perdera a vida. Assim sendo, cruzara meio mundo, dando o corpo às

² Com a chegada às Molucas, pela rota portuguesa do Oriente, Fernão de Magalhães cumpriu presencialmente a primeira metade da sua circun-navegação da Terra. A actual denominação portuguesa usada para referir as ilhas indonésias das Molucas resulta de influência holandesa e inglesa, pois, nos séculos XVI e XVII, os portugueses referiam-se-lhes como ilhas de Maluco, forma mais próxima da denominação original Maluko dada a este arquipélago, a qual poderá derivar do árabe *Jazirat al-Muluk*, ilha dos reis. Na época, a designação de Maluco compreendia também uma acepção mais específica, aplicada às ilhas das Molucas do Norte — Ternate, Tidore, Makian, Motir e Bacan —, por ser nelas que se produzia o cravinho.

intempéries no mar, à danação dos homens de muitas terras, às doenças e a todo o tipo de martírios, honrando sempre as armas d'el-rei. E de que servira tanto denodo e sacrifício? Via agora que, para aquele homem, tudo era nada.

«Não», repetia ele, negando-lhe o aumento da remuneração dos seus serviços, colocando sobre a mesa os dedos gordos e cheios de anéis com pedraria fina. A Magalhães repugnava-lhe o fulgir da opulência real, quando ele tinha amadurecido a combater e permanecia sem títulos nem cabedal para viver um resto de vida desafogada. Estava com quase quarenta anos e ainda não tinha casado, nem tinha filhos. Mas de tanta entrega e dedicação em nome de Deus e de Portugal, nada lhe restara, nem fortuna nem glória. Tinha um pequeno espólio do saque que lhe coubera na conquista de Malaca, coisa pouca, um escravo malaio, que atendia pelo nome cristão de Henrique, e ainda algum dinheiro de negócios que havia feito.

«Não», respondia veemente el-rei aos seus pedidos, com os ouvidos prenhos pelos maldizentes da corte, que lhe lembravam, a toda a hora, que ele tinha retornado ao reino sem permissão do capitão de Azamor. Tal facto tinha deitado sombra no seu nome, sabia disso. Mas que fazia ele tão malparado, longe de casa e dos seus, a arriscar a vida por sobras? Não era um evadido, tinha terminado a sua missão, naquele mundo malcheiroso.

Quando estivera no Oriente, constatara que já lá não podia ficar a consumir-se, meses e meses à espera de alguma benevolência enquanto via encherem-se as bolsas de funcionários do reino, gentinha sem escrúpulos, corruptos como o pior dos Judas. Se perdesse aquele barco em 1513, teria de esperar pela monção seguinte, o que significaria mais meses de espera. Tinha de largar Malaca e a Índia, era premente, pois ali não via grande porvir. Ganhara umas moedas, é verdade. E onde lhe podia chegar a ambição? Granjear umas tantas moedas mais? Podia comprar umas sacas de pimenta, mas para vender onde, se não lhe era assentido afastar-se daqueles lugares? Podia comprar umas pipas de vinho, uns fumos da cor do açafraão, ou os prazeres de uma perfumada meretriz de lupanar, mas teria a vanglória dos sentidos por uma noite. Mas tudo isso,

que segurança lhe dava para uma vida? E quando lhe minguasse a robustez para empunhar uma espada, viveria das parcas esmolas reais, dos favores dos outros? Atulhou a arca dos pertences, documentos, moedas de ouro, umas tantas vestes, o pouco que tinha. Ajuntou uma saca de pimenta e escapuliu-se no enfuscado da noite para dentro da nau *Santa Cruz*, que levantava âncoras pela alvorada, embrulhada ainda pelo nevoeiro. A saca de especiarias pagou a torna-viagem e um camarote partilhado com mais três nobres fedorentos, mais depauperados que ele. Ali tudo tinham perdido, até os sonhos. Seguindo cada um com os seus pensares, mal trocaram palavras durante toda a viagem. A vergonha é calada por natureza.

Em Cochim, Magalhães entregara em 1510 os seus dinheiros a um mercador afamado, Abraldez de seu nome. A sociedade demorou pouco. O homem finou-se, e com ele o negócio e os valores empenhados. Só mais tarde lhe pagaram a maior parte da dívida. Ficou com o escravo malaio que se recusou vender, Henrique, e um cavalo que ninguém queria. Estava de bolsa quase vazia, mais que nunca precisava da previdência da Coroa portuguesa. Propôs-se capitanear uma nau para as ilhas de Maluco ao serviço d'el-rei, já que tinha experiência daqueles mares e estudara a sua cartografia. Exibiu aos olhos da corte uma missiva enviada em 1514 pelo seu amigo e companheiro de aventuras, Francisco Serrão, que vivia por lá e bem conhecia aquelas gentes...

«Não», responde D. Manuel I, embora entendesse por bem dar tal honra a D. Tristão de Meneses³. Nem aumento de moedas nem permissão de viagem. «Não», responde ele aos seus rogos, uma e outra vez, enquanto vai deambulando pelo salão do Palácio da Ribeira. Tem pernas meãs, grossas, e braços compridos — com os dedos das mãos a descerem abaixo dos joelhos. Afigura-se-lhe patético, mas é o seu rei, um dos soberanos mais poderosos do mundo conhecido. Está irredutível. Atira-lhe à cara que andou por Azamor⁴, em Marrocos, a mercar com mouros às ocultas. Sabe que não são palavras dele, são dizeres que os malquerentes

³ Zarpou de Lisboa a 9 de Abril de 1517.

⁴ A 17 de Agosto de 1513, partiu de Lisboa para a conquista de Azamor.

do reino lhe colocam na boca, venenosos como a serpente-capelo indiana. O que lhe deviam ter dito em seu abono é que andou a guerrear os infiéis do traidor Muley Zião, que recusara pagar os tributos devidos e expulsara os portugueses daquela praça. Teve de ser tomada à força. Tinham sido pelejas encarniçadas. Ele era prova disso, pois teve uma lança de arremesso a matar-lhe o cavalo. Pegou na pena, no tinteiro, lavrou uma carta a Sua Majestade a rogar uma reparação justa pelo valor do animal^[v], o que foi considerado um ultraje na corte. Mais um. Tinha ele poucas palavras na boca, mas era escabreado nas acções. Estava pobre de siso e de bolsa. As pagas do reino eram falhas, pelo que estava mais indigente do que quando se arrolara para o Norte de África. Fez então amizade com um árabe dos desertos, que lhe mostrou como a fortaleza tinha mil entradas e saídas, com possibilidades de trazer e levar mercadorias e assim ganhar algum cabedal — precisava de comprar um novo cavalo com pressa. Mas, certo dia, depois de uma contenda com berberes, uma lança rasga-lhe as carnes da perna. Não foi ferida tamanha para lhe dar morte, mas ficou por lá, atirado para uma enxerga infestada de piolhos e percevejos, enxameado de mosquitos, sem físico que lhe acesse com uma palavra de conforto, uma tisana, uma pomada de ervas, nada. Como tantos outros, ficou a sós com as dores, a escorrer em sangue, o que atraía montes de bicheza danada, grande e pequena. Se adormecia, comiam-no vivo. Lutou com as ratazanas do deserto, com o mesmo denodo com que lutou contra as catervas de berberes armados. Uma batalha de muitos dias e muitas noites. Só o dedicado Henrique permanecera a seu lado, espantando a bicharada esfaimada, cuidando-lhe da ferida com vinagre de vinho e sal, para não gangrenar. Assentava-lhe uma pomada feita de óleo de argão, sumo de tâmaras e gordura de camelo. Nada parecia resultar. Mas se um mouro o feriu, outro mouro o salvou. Cuidador dos camelos, um berbere escuro de feições, mas alumiado por um permanente sorriso, trouxe-lhe pó de alumbre. Ardeu-lhe na ferida como fogo, gritou como um danado, mas sarou. Ficou-lhe agradecido. Quando conseguiu firmar a perna e dar uns passos, zarpou dali — não queria mais guerrear aquela gente, que tinha

por boa. Não lhes queria nem as terras nem o deus. Que ficassem na paz de Alá. Chegou a Lisboa, a mancar e em desespero de vida, que a bolsa estava parca de moedas. Precisava que o monarca lhe desse um reforço de moradia, que era de apenas mil duzentos e cinquenta réis^[vi]. Precisava de mais. Precisava.

«Não», atestou o rei uma vez mais, apesar dos sacrifícios pessoais apresentados e das mazelas físicas do seu arcaboço de militar. Tal nega era agora justificada com os relatórios que chegavam, dando conta dos seus negócios esconsos nos desertos, de ter voltado sem permissão do capitão da praça, e de numa cavalgada pelos desertos de Marrocos, com outros portugueses, ter tomado para si cabeças de gado bovino e escravos, vendidos aos mouros do povoado vizinho de Enxovia. Sempre palavras negras a persegui-lo. Perante tanto murmúrio a enxamear a corte à boca pequena, D. Manuel I mandou-o de volta a Azamor^[vii] para limpar o nome. Retornou a Marrocos. Mas, ou porque era limpo de culpa, ou por falta de provas, a verdade é que ninguém lhe apontou acusação e retornou livre ao reino. Apesar de tudo, el-rei guardou-lhe especial aversão, tomando-o por cobiçoso e interesseiro, o que não era uma nobre condição.

«Não», repetia agastado com a insistência. Não haveria aumento de tença, nem qualquer reparo pela morte do cavalo. Não haveria qualquer recompensa pelo aleijão da perna, já que muitos afirmavam ser o manquejar fingido no fito de obter proventos reais. Uma injustiça, pensava Magalhães. Estava desalentado. Sentia que este era um soberano que desdenhava dos seus mais bravos. Depois de ter achado as terras de Vera Cruz, no novo mundo, e de ter ido às Índias, Pedro Álvares Cabral estava arredado em Santarém, afastado da corte, desvenerado e sem novas missões. O grande Afonso de Albuquerque morrera no mar, desgostoso, depois de este rei, envenenado pela peçonha dos seus serviçais de punhos de renda, ter ficado enciumado do seu poder, e lhe ter retirado o cargo de governador das Índias. Assim sendo, se tão grandes cavaleiros não mereciam a admiração real, que graças podia ele almejar para si? Nenhumas. El-rei estava alucinado com as riquezas das Índias e a construção do grande Mosteiro de Santa

Maria de Belém⁵. Uma obra assombrosa, que a todos causava espanto pela grandeza, pela arte. Um monumento que falaria por ele durante séculos e séculos. Que faria dele um rei eterno. Era essa a sua primazia. Tudo o mais era perecível. Para ele, os fidalgos guerreiros, gente de batalha e de conquista, eram só mais umas tantas pedras sobre as quais erguia o seu legado glorioso e triunfal. Gente insignificante, mão-de-obra findável.

Um dia, olhou o rei bem de frente, o seu cabelo castanho e encaracolado, que lhe pendia pelos ombros, com uma curta franja sobre a testa. Achou-o feio por dentro e por fora, e naquele momento perdeu-lhe o respeito. Perguntou a si mesmo se devia vassalagem a tal homem. E respondeu: «Não.»

⁵ Mosteiro dos Jerónimos.